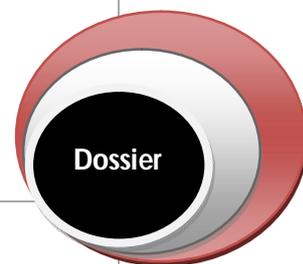


Seven Days in Crete

Revisão do Género Utópico



Filomena Morais Carvalho

Embora *Seven Days in New Crete (SDNC)* não seja alvo de particular atenção no campo dos Estudos sobre a Utopia, a obra é referida por diversos estudiosos da área e é, na minha opinião, não só um contributo importante para o estudo da evolução do género literário em que se insere, mas também para a análise de uma fase da utopia literária do século XX.

Na única obra utópica que escreveu, Robert Graves faz uma espécie de actualização ou revisão do género utópico, principalmente através de referências a outros textos que são ora lembrados e, por isso, recuperados, ora corrigidos e, por isso, actualizados. Importa, em primeiro lugar, tentar descodificar as razões que terão levado um poeta do século XX a escrever uma utopia positiva, num momento em que as distopias dominavam a cena literária.

Enquanto outros autores canalizam a desilusão provocada pelo fracasso das promessas de progresso para ficções que retratam os perigos dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos, Robert Graves escreve sobre uma comunidade que abandonou a tecnologia em prol de uma vida dedicada à adoração da Deusa Branca. Esta personagem divina, à qual Graves dedica grande parte da sua vida, e que é extensamente caracterizada na obra *The White Goddess* (1948), motiva-o a desenvolver uma utopia positiva que destaca os benefícios do recuo a um culto ancestral.¹ Sublinhando a importância da literatura utópica enquanto reveladora das ambições intemporais do homem, Graves constrói a sua utopia com base numa espécie de selecção dos aspectos que considera positivos em outras utopias para a edificação de uma sociedade ideal.

Quando Edward, o protagonista de *SDNC*, é informado sobre o percurso histórico que conduziu ao surgimento de Nova Creta, é-lhe dito que foi fundamental um trabalho realizado por um estudioso israelita chamado Ben-Yeshu, concretizado num livro intitulado *A Critique of Utopias*, que um dos neo-cretenses descreveu da seguinte forma:

a detailed and learned analysis of some seventy *Utopias*, including Plato's *Timaeus* and *Republic*, Bacon's *New Atlantis*, Campanella's *Civitas Solis*, Fénelon's *Voyage en Solente*, Cabot's [sic] *Voyage en Icarie*, Lytton's *Coming Race*, Morris's *News from Nowhere*,

Citação

Filomena Morais Carvalho, "Seven Days in Crete: Revisão do Género Utópico." *Via Panorâmica: Revista Electrónica de Estudos Anglo-Americanos/An Anglo-American Studies Journal* 2.^a ser. 1 (2008): 99-116. Web. <<http://ler.letras.up.pt>>.

Buttler's *Erewhon*, Huxley's *Brave New World*, and various works of the twenty-first to the twenty-fourth centuries. (*SDNC* 41)

Este trabalho, que causou grande impacto na comunidade intelectual da época, identificou os motivos do crescente descontentamento do homem em relação à civilização e influenciou as atitudes tomadas com vista à salvação da humanidade. Parece-me pois pertinente a análise dos aspectos que unem a sociedade ideal encontrada em Nova Creta e aqueles que encontramos em algumas das utopias referidas e estudadas por Ben-Yeshu.

Ver-se-á, seguindo a ordem cronológica apresentada na citação, os aspectos considerados positivos nessas utopias e transpostos para Nova Creta e os aspectos considerados negativos que são corrigidos nesta sociedade utópica. Desta forma, pretendo evidenciar a forte presença de elementos pertencentes a distintas fases do género, e que confluem de tal modo na obra que se torna tarefa árdua inseri-la num ramo específico das utopias. Por outras palavras, *SDNC* não pode ser considerada apenas uma utopia centrada na religião, nem somente uma apologia da abolição da tecnologia, nem sequer a podemos classificar como estritamente eutópica. Os textos que utilizarei como termos de comparação serão aqueles que considero mais importantes para evidenciar essa convergência harmoniosa de elementos pertencentes a diferentes momentos da evolução do género.² Assim, explorarei apenas três autores referidos por Ben Yeshu: Platão e os seus textos sobre sociedades justas (anteriores à fundação do género, mas com grande presença da atitude utópica), Francis Bacon e a influência da ciência na sociedade ideal de *Nova Atlântida* (seguidora dos princípios fundadores de Thomas More, mas com a introdução de elementos próprios ao fim do humanismo), e William Morris e a tentativa de recondução do homem ao seu verdadeiro caminho em *News from Nowhere* (a viragem da utopia para o futuro seguindo princípios do socialismo). Além destes textos, mencionarei ocasional e brevemente outros que considero pertinentes para realçar o objectivo que me proponho alcançar neste artigo. Tendo em conta a pluralidade de leituras possíveis da obra, pretendo ainda analisar *SDNC* como distopia e anti-utopia que, mesmo não se aproximando particularmente de nenhuma obra coeva congénere, contribuirá para demonstrar a forma como a obra procede à revisão do género em que se inscreve.

Graves colhe influências nas utopias literárias, mas também em textos que, não sendo formalmente utopias, evidenciam as raízes que contribuíram para o seu aparecimento. Platão, em *A República*, faz a descrição das condições ideais para o florescimento da vida perfeita. No Livro III, enquanto Sócrates fala da educação e das classes sociais, é descrito o mito dos metais,³ segundo o qual todos os cidadãos são irmãos e feitos da mesma matéria-prima. Contudo,

existem algumas diferenças, como explica Sócrates: “àqueles dentre vós que eram aptos para governar, misturou-lhes ouro na sua composição . . . ; aos auxiliares, prata; ferro e bronze aos lavradores e demais artifices” (Platão 157). De um modo geral, os filhos gerados em cada uma das classes são iguais aos seus pais, mas pode acontecer que uma criança dourada nasça no seio de uma família prateada. Nesse caso, a criança deve ser retirada dessa família e recolocada numa família adequada. De modo similar, em *SDNC*, as crianças denunciam desde cedo as suas capacidades, definidoras da classe a que devem pertencer. Por isso, no caso de nascerem no seio de uma classe à qual demonstram não pertencer, elas devem ser correctamente inseridas numa família da casta com as mesmas capacidades. Este elemento comum é, segundo os dois textos, um dos factores promotores da estabilidade da sociedade ideal, já que cada cidadão assume o papel para que é mais dotado. Sócrates adivinha uma certa desconfiança por parte dos cidadãos em relação ao mito dos metais, assim como é estranho para Edward que seja facilmente aceite que uma criança seja retirada a uma família para ser integrada em outra: “Don’t parents ever protest?” (*SDNC* 15). Para um leitor habituado a valorizar a família e particularmente a ligação entre pais e filhos, poderá ser difícil encontrar neste princípio contornos positivos, próprios da descrição de uma sociedade ideal, perfeita e melhor do que a contemporânea. Mas facilmente compreenderá os argumentos apresentados como resposta: “It’s painful to lose a child, but it’s worse to have one who doesn’t belong in the house. The parents are the first to reject him. Usually they get another of the right kind in exchange – an orphan, or a misfit from some other estate” (*SDNC* 15). Tal como Platão, Graves parece dar a entender que existem características individuais que não podem ser alteradas pelo meio que envolve o indivíduo. Em Platão, esse factor imutável aparece metaforizado no mito dos metais, enquanto que em Nova Creta ele se revela através do comportamento das crianças.

A nível formal, o texto de Platão apresenta uma das técnicas que viria a ser fundamental no género utópico – o diálogo. Em *SDNC*, tal como em obras congéneres, o diálogo socrático tem um papel fulcral na apresentação da sociedade ideal. Os capítulos que são quase exclusivamente dedicados à apresentação das organizações e funcionamento da sociedade neo-cretense – e de que são exemplo “The Five Estates”, “Take a Look at Our World”, “The Record House”, “Market Day at Sanjon” e “Quant” – manifestam uma predominância de diálogo que favorece a compreensão das descrições apresentadas. As questões colocadas pelo visitante fundem-se com as do leitor; nesta perspectiva, as respostas dadas acabam por se reportar directamente às dúvidas deste último.

Os aspectos referidos até aqui são pontos em comum a estes dois textos, mas Graves discorda de Platão num ponto fulcral da sua utopia. Enquanto o filósofo considera benéfica a exclusão dos poetas da sociedade justa, Graves coloca-os numa posição primordial. Platão segue o seu mestre Sócrates, considerando que as artes, em particular a poesia, podem pôr em perigo a estabilidade da cidade ideal. O poeta e as suas “produções fantasiosas” (Kumar 23) não contribuem para controlar os desejos concupiscentes do homem, que o conduzem inevitavelmente à corrupção e ao anarquismo (Manuel and Manuel 111). Em Nova Creta, pelo contrário, o poeta é o responsável pela recuperação do mito da Deusa, cuja adoração devolveu ao homem o seu maior talento e trunfo, a magia. Com ela os habitantes da ilha puderam defender-se de ataques do exterior e proteger a estabilidade e harmonia vividas em Nova Creta.

O segundo autor nomeado por Ben-Yeshu é Francis Bacon. A *Nova Atlântida* terá sido também uma utopia importante para tentar desvendar alguns dos elementos que levaram ao crescente descontentamento do homem em relação à civilização. Não posso deixar de mencionar dois aspectos que, embora demasiado óbvios, unem estas duas utopias. Por um lado, o facto de ambas as civilizações se situarem em ilhas e, por outro, o prefixo dos topónimos: Nova Creta e Nova Atlântida. A ilha da Atlântida é, nos nossos dias, plausivelmente identificável com a Creta Minóica (Kumar 22), o que une as duas obras num só espaço geográfico recriado distintamente por Bacon e Graves. Platão recupera elementos para a sua sociedade ideal das civilizações da Atlântida e de Creta,⁴ e estes dois autores criam *novas* sociedades com topónimos que remetem inevitavelmente para referentes de comunidades ideais do passado. Para Graves, porém, Creta não traz só imagens de um passado semi-mítico, mas também do seu presente; trata-se, de facto, de um dos poucos locais onde ainda existiam vestígios do culto da Deusa pela especial relação que o ser humano mantinha com a Terra.

A *Nova Atlântida* é considerada a primeira utopia científica inglesa que se debruça sobre as potencialidades do método experimental, explorando a forma como a ciência, como bem explicam Frank E. Manuel e Fritzie P. Manuel, pode contribuir para facilitar a passagem do ser humano através deste vale de lágrimas até ao outro mundo (Manuel and Manuel 260). À primeira vista, esta descrição nada tem a ver com as actividades desenvolvidas pelos neo-cretenses. Com efeito, a tecnologia fora banida no passado por razões históricas e as gerações seguintes preservaram zelosamente essa proibição, até que esta se tornou algo de desconhecido e fora do costume. Em Nova Creta, a tecnologia não tem lugar por não ser uma actividade que envolva amor; e o costume diz

que só o que é feito com amor é aceitável.⁵ Não é explicitamente expresso na utopia de Graves que a tecnologia traga infelicidade;⁶ por ser desconhecida, não é tópico de conversa, mas infere-se facilmente que os princípios de amor e harmonia entre seres humanos, natureza e Deusa poderiam ser perturbados irremediavelmente por avanços científicos. Neste sentido, Graves, ao contrário de Bacon, não se deixa iludir pelas maravilhosas potencialidades dos desenvolvimentos tecnológicos (reflexo do espírito pessimista próprio do homem do século XX, que testemunhara a morte de milhares de inocentes em nome do poder e através da tecnologia); Graves parte das conclusões que se entendem na obra de Bacon. Como realça Fátima Vieira: “[Bacon] lida com o conhecimento científico, a que reconhece o poder de gerar instabilidade política e social”, elementos que não poderiam pertencer à harmoniosamente estática sociedade neo-cretense (149). Na verdade, a ciência em Nova Atlântida não acarreta transformações sociais significativas, não leva à instauração de uma sociedade ideal dinâmica⁷ e está confinada às experimentações feitas e observadas na Casa de Salomão; da mesma forma, em Nova Creta, para introduzir um sabor a liberdade, os mais velhos podem brincar com a tecnologia e até promover invenções, desde que restringidos à House of Nonsense, não afectando, deste modo, o resto da comunidade que permanece estática. Ainda assim, as experimentações com máquinas e inventos são bastante limitadas. Um dos habitantes da Nonsense House explica: “We have some information about such machines as the Apporteur and the Cic-Fax, but they’re quite beyond our scope: they need rare metals and a complicated nebular fissive system. Here we limit ourselves to toys: we’re not ambitious” (*SDNC* 221).⁸ Os habitantes de Nova Creta contentam-se com um entretenimento primitivo, tentando satisfazer uma curiosidade quase infantil, fazendo pesquisas e investigações que não perseguem sistematicamente.

Paralelamente a outras utopias, tanto *Nova Atlântida* como *SDNC* encontram na hermeticidade de uma ilha uma mais-valia a preservar e proteger afincadamente, de modo a eliminar a ameaça de ideias subversivas do exterior. No caso de *SDNC*, essa protecção contra a influência de povos exteriores, habituados a tecnologias, chega ao ponto de os neo-cretenses não quererem sequer ver outras realidades, como demonstra o seguinte passo:

Eventually it was arranged for all trading to take place at Stalinpol, a small port some distance from Corinth at the quietest hour of the night, when they would not be exposed to the whirl of dock machinery, the unceasing blare of amplified dance-music, the ugly outlines of waterside buildings, and the garish, raucous, three-dimensioned cartoon-comedies telecast every hour in mid-air over the harbour. (*SDNC* 44)

Os próprios neo-cretenses preferem este isolamento por considerarem que essas terras são desagradáveis, tanto a nível moral como estético; não obedecem ao costume imposto pelo culto da Deusa, não transpiram amor como tudo o que existe em Nova Creta.

News From Nowhere, de William Morris, é uma utopia escrita com o objectivo claro de responder, contrariar e marcar a diferença em relação à visão de socialismo avançada por Edward Bellamy em *Looking Backward*. Os dois autores divergem, sobretudo, na forma como perspectivam a implantação, no futuro, de uma sociedade socialista ideal. Bellamy acredita que “a mudança [se dará] naturalmente, gradualmente, sem derramamento de sangue” (Vieira 358), enquanto que Morris considera inevitável uma fase de revolução que possa conduzir, posteriormente, a um verdadeiro sistema político socialista. Embora Graves esteja distante das ideias de socialismo e comunismo defendidas por Morris, na sua utopia a questão da revolução e do corte com o passado é também muito importante. A época cristã tardia à qual Edward Venn-Thomas diz pertencer só se dirige para o futuro descrito em *SDNC* depois de uma série de revoluções e de drásticos cortes com a realidade do passado. Contudo, o avanço temporal testemunhado por William Guest é muito mais curto do que o presenciado por Edward: para o primeiro é fácil deduzir que essa revolução foi a causadora das transformações que observa no local onde está e que lhe é familiar; para o segundo a distância é muito maior e a transformação que descobre, também num lugar que lhe é familiar, deve-se principalmente às alterações religiosas.

Nestas duas utopias, os momentos de descrição do espaço físico para o qual os viajantes são transportados constituem um elo de ligação histórica, apesar de Morris idealizar Londres e Graves idealizar Creta. Para o escritor do século XX, seria impossível localizar a sua sociedade perfeita num espaço que lhe trazia todas as memórias negativas associadas às guerras mundiais e à perda de valores supremos antigos. Todavia, os primeiros reparos feitos por Guest e Venn-Thomas em relação ao espaço que os envolve confundem-se na beleza que ambos encontram nesses locais. Guest, ainda perplexo, descreve assim o que vai vendo nas margens do rio Tamisa:

There was a continuous garden in front of [the houses], going down to the water's edge, in which the flowers were now blooming luxuriantly, and sending delicious waves of summer scent over the eddying stream. Behind the houses, I could see great trees rising, mostly planes, and looking down the water there were the reaches towards Putney almost as if they were a lake with a forest shore, so thick were the big trees.
(Morris 48-49)

O espaço é reconhecível, mas totalmente diferente dos referentes do visitante. Reflectindo o mesmo tipo de admiração, Edward Venn-Thomas faz as seguintes descrições:

Yes, the district was familiar. That rocky headland, the low hill, with the Church of Sainte Veronique on the top – except that it was not the same church, and perhaps not a church at all. But the Mediterranean had retreated a mile or more, a broad belt of farmland stretched nearly to the horizon, and the bare hills were now covered with trees. I thought they looked much better this way and told the man so. (*SDNC* 2)

Tanto Morris como Graves fazem várias vezes comparações entre as características do local no seu tempo e no futuro.⁹ Invariavelmente, o futuro é mais agradável, mais respeitador da natureza, o que se reflecte na atitude dos seus habitantes. Nas duas utopias, o homem é o reflexo da harmonia que se vive na natureza que o envolve, como se a essência do homem se pudesse alterar, não por algum método científico, mas pela simples convivência pacífica com o meio ambiente e com os seus pares. Neste sentido, Edward tece inúmeros elogios à beleza física dos neo-cretenses, especialmente à das mulheres. A beleza vai, contudo, para além do exterior, como explica o visitante:

Most people from our epoch would have resented my new friends as altogether too good-looking – physically thoroughbred and with a disconcerting intellectual intensity. They seemed never to have had a day's illness; their faces were placid and unlined and they looked almost indecently happy. (*SDNC* 11)

Os londrinos do futuro que William Guest conhece deixam-lhe uma impressão similar. O barqueiro é descrito da seguinte forma:

He was a handsome young fellow, with a peculiarly pleasant and friendly look about his eyes – an expression which was quite new to me then . . . he was dark-haired and berry-brown of skin, well knit and strong, and obviously used to exercising his muscles, but with nothing rough or coarse about him, and clean as might be. (Morris 47)

As características físicas e psicológicas destes homens e mulheres tão diferentes dos contemporâneos dos seus autores parecem surgir naturalmente da organização social em que estão envolvidos – não por terem sido condicionados assim pela educação, como acontece na utopia de B. F. Skinner – nem tão pouco pelas imposições de algum tirano, mas porque a vivência de um dia-a-dia harmonioso e que vai ao encontro das necessidades reais, e não supérfluas, de cada um dos indivíduos provoca estas alterações positivas no ser humano. Este parece ser o grande factor de união entre estes dois autores.

Northop Frye insere tanto *SDNC* como *News From Nowhere* na tradição pastoril, com raízes nos mitos da Arcádia.¹⁰ Para este autor, as reminiscências dos mitos pastoris fazem-se notar, por exemplo, na sociedade natural de Rousseau ou mesmo, ainda que com diferentes contornos, no quarto livro de *As Viagens de Gulliver* (Frye 42-3). Nestes casos, a perfeição do ser atinge-se pelo total entendimento entre este e o seu espaço físico envolvente. Depois da Revolução Industrial, esta visão é naturalmente alterada, uma vez que o ser humano passa a partir do princípio de que quanto mais consegue controlar o seu meio ambiente mais conseguirá controlar o seu próprio destino (43). Ainda assim, as utopias posteriores a este momento reflectem uma preocupação que só pode advir da tradição pastoril. Explica Frye:

Whatever utopian thought and imagination has survived this state of affairs in democratic literature has been much more affected by pastoral or Arcadian themes than by the utopian conception of the rational city. Both Plato and More lay stress on limiting the city-state to what would now be called an "optimum" size. And almost anyone today . . . would soon find himself saying "too many people". . . . The assumption that a more desirable society must be a greatly simplified one marks the influence of the pastoral tradition. (43-44)

E estes elementos podem, sem qualquer dúvida, ser encontrados nas utopias de Graves e Morris, onde o ser humano atinge uma fase de simplificação tal que se tornam dispensáveis organizações sociais rígidas. Especialmente no que concerne ao trabalho, a visão destes autores é bastante semelhante: para Morris, ele é a expressão criativa do trabalhador; para Graves, um acto de amor. Por isso, em *News From Nowhere* existe o mínimo de produção industrial e fabril: o trabalho manufacturado é a base da indústria, o que reflecte uma imensa simplificação dos desejos e necessidades humanas (Frye 45). Em Nova Creta, não existem nem fábricas nem indústrias: o trabalho é sempre um acto de amor pela Deusa e por todos os pares. As diferentes classes sociais têm tarefas distintas, mas que se complementam através da troca directa de bens, respeitando as necessidades de cada um.

Northop Frye, ainda no mesmo artigo, refere que as utopias de tradição pastoril normalmente incluem uma fase de caos e de total cataclismo que destrói a civilização contemporânea para dar lugar a uma nova vida que recomeça, usualmente, sob condições primitivas.¹¹ Assim, o ser humano não reflecte ainda os desejos supérfluos e falsos próprios do homem moderno e completa-se de forma mais pura nas suas carências básicas e mais reais. Frye conclui: "Man obviously needs far less for the best life than he thinks he needs; and civilization as we know it is grounded on the technique of complicating wants" (47). Graves

e Morris descobrem, assim, o véu que cobre a falsidade dos desejos e necessidades do homem seu contemporâneo.

SDNC é publicada em 1949, no culminar de tempos intensamente contraditórios (Kumar 387). Kumar refere-se principalmente aos aspectos sociais e políticos que dominavam os meados do século, e que se reflectem também no campo da literatura e, em particular, no da produção utópica. Estatisticamente, este período é muito mais produtivo em termos de utopias negativas do que de utopias positivas. A contribuir para este dado estão as guerras mundiais e as desilusões que os avanços tecnológicos e científicos (que até então eram ansiados entusiasticamente) provocaram na população em geral. Apesar de *SDNC* se concretizar numa sociedade ideal melhor do que a real, ela nasce exactamente com os mesmos propósitos das distopias que lhe são contemporâneas. A divergência encontra-se apenas na forma que os utopistas escolhem para demonstrar que a civilização contemporânea poderá estar condenada a um fim aterrador. E essa diferença torna-se ainda menor se admitirmos uma leitura distópica de *SDNC*. Será que Robert Graves, obcecado pela Deusa, consegue aceitar que uma civilização votada ao seu culto se possa, estranhamente, tornar indesejável? Tal leitura parece-me, de facto, possível, se atentarmos em pormenores que vão sobressaindo na narrativa.

Os primeiros sinais de distopia são dados, à partida, pelas próprias descrições feitas por Edward dos excessivamente perfeitos neo-cretenses. São demasiadamente felizes, bonitos, sinceros e frontais. Estes são, porém, sinais ténues que poderão ser mais ou menos desvalorizados, perante o fascínio que uma sociedade aparentemente tão agradável causa tanto no viajante como no leitor.

No segundo dia da sua estada, depois de se ter apercebido das principais diferenças entre os seus anfitriões e os homens do século XX, algumas questões começam a intrigar Edward:

It was gradually borne in on me that I had been brought here for some special purpose. These New Cretans . . . would hardly have risked shocking their finely-balanced sensibilities, by the evocation of such a barbarous monster as myself, merely to ask me routine questions about my epoch. And why should they take the trouble to show me around their country? Could this be mere hospitality? But what hospitality did they owe me? (*SDNC* 37)

À medida que a história evolui, a resposta às questões de Edward começa a tornar-se evidente. Talvez não o seja para ele, nem mesmo para os habitantes da ilha, mas é-o para o leitor e principalmente para a responsável por tudo o que acontece em Nova Creta – a Deusa.

Tal como a iconografia das escolas de Nova Creta, toda esta comunidade parece ser a preto e branco. Faltam as cores que, como é comum dizer-se, dão alegria à vida. Não existe humor, mentira, dissimulação, não existe o mal, há apenas a aceitação inconsciente da monotonia generalizada. A missão de Edward é, então, reintroduzir neste mundo apaticamente perfeito algum colorido, como por exemplo os vários tons de vermelho do ciúme, do sarcasmo e da revolta e o verde da inveja. É como se ele fosse a serpente deste novo Éden, que mancha de sangue e pecado este paraíso.

Os efeitos da presença de Edward fazem-se sentir gradualmente através de pequenas alterações no comportamento dos neo-cretenses, que se vão tornando cada vez mais frequentes e acentuadas. A primeira personagem a acusar essa interferência é Sally, que parece despertar lentamente para o humor (*SDNC 34*) e, mais tarde, para o sarcasmo (*SDNC 49*). As mudanças vão sendo notadas pelos que se relacionam mais de perto com Edward, mas, no final da obra, todos parecem já ter percebido que o paraíso deixara de existir, que grandes tumultos se avizinhavam. Numa última tentativa de recuperarem a felicidade perdida, tentam atacar Edward.

By the look of them, they were all commoners or captains, and around them darted and sang an excited cloud of recorders and servants . . . 'There he is!' yelled the Interpreter in New Cretan. 'There stands the barbarian . . .
'After him, lads and lasses!' shouted Nervo. 'He's poisoned our land. Fall on him, crush the life out of him. (*SDNC 277*)

O que estes cidadãos neo-cretenses não percebem é que Edward não age voluntariamente, mas é controlado pela Deusa, que o chamara do passado, enquanto semente de discórdia, para lhes mostrar o mal, já que o verdadeiro amor e a sabedoria nascem inevitavelmente da calamidade. A calma e prosperidade haviam impedido os ilhéus de reconhecerem a beleza da Deusa, mas o vento do Norte traria as alterações necessárias à restauração da perfeição. O próprio acto de o quererem linchar já demonstra o quão corrompidos eles estão, exprimindo raiva e violência, como era desejo da Deusa.

Muito embora possa parecer que é Edward quem, directa ou indirectamente, transforma esta utopia numa distopia, tal ilação é completamente errada. Nova Creta deixou de ser uma sociedade perfeita a partir do momento em que os seus habitantes deixaram de conseguir valorizar o bem por não conhecerem o mal. Esta comunidade só poderá reaprender a viver se souber reconhecer o mal e cultivar o bem como algo precioso. Tal como no poema "Grumbling Hive", de Bernard Mandeville, parece ficar aqui provado que a virtude só pode ser apreciada se se conhecer o vício. Como as abelhas

concluem que uma sociedade isenta dos seus defeitos é apenas uma eutopia intelectual (Mandeville xlvi), também os neo-cretenses se apercebem, no final da obra, da fragilidade do seu paraíso. Segundo Mandeville, a sociedade tem que aceitar que até o mal tem o seu lado bom, e este compensa sempre o outro.

Há ainda outros indícios de distopia na organização social de Nova Creta que importa ter em conta. Em relação à educação das crianças com mais de oito anos, certas afirmações são, em essência, contraditórias, pois denunciam que a liberdade de comportamento da criança é limitada às tradições e costumes da sua classe, ou seja, bastante reduzida.¹² A cada uma das classes sociais de Nova Creta estão associadas tarefas específicas, incluindo proibições claras e restrições rígidas.¹³

Também em relação ao início da vida amorosa dos jovens, a expressão utilizada é curiosa: “At sixteen or so they were free to start their love life, and when fully grown to travel or engage in wars, becoming full citizens” (*SDNC* 62-63). Temos também aqui três proibições claras. Importa, porém, saber quais as consequências no caso de incumprimento destas normas. Encontramos resposta logo no início do romance, quando Sally responde a algumas questões colocadas pelo visitante recém-chegado. A pena aplicada é a capital, sem margem para atenuantes nem vestígios de tolerância.¹⁴

Identificam-se também elementos distópicos quando Edward conhece a Nonsense House – local onde se encontram os idosos de Nova Creta, que obedece a regras completamente opostas às do resto da sociedade. Como explica Dietz: “the orderly and pastoral utopian society produces its own counter-utopia in which everything is allowed” (68).¹⁵ Ao contrário da vida rigidamente limitada pelo costume e pela tradição, aí, e apenas aí, os mais velhos têm total liberdade de comportamento. Embora ninguém dê importância ao que os idosos fazem, a verdade é que o facto de poderem dizer e fazer quase tudo, de não estarem obrigados a cumprir a tradição, é considerado, pelos neo-cretenses, um privilégio. Esta opinião é também partilhada pelos próprios idosos: “You see, as children we’re kept under perpetual restraint and when we grow up we keep custom voluntarily, but Ana¹⁶ doesn’t like us to die without a taste of liberty” (*SDNC* 219). Esta afirmação coloca-nos perante um paradoxo: se só na terceira idade podem os homens experimentar a liberdade, então o comportamento dos adultos não será completamente voluntário, mas apenas o cumprimento compulsivo de regras que sabem não poder violar.

Mesmo para os poetas, com um papel tão importante na sociedade, esta vivência pode tornar-se distópica. *SDNC* tem todas as condições para ser entendida como a utopia dos poetas, mas ela acaba por se revelar fatal para a própria poesia. A sociedade estática de Nova Creta não favorece a criação

poética;¹⁷ a falta de humor e de rebeldia faz com que o poeta perca a sua noção de poesia. Canary explica: “The soft good life which it provides its inhabitants does not arouse the strong emotions which Graves thinks necessary for true poetry. Poetry is to act as a mediator between innocence and experience, good and evil, but here is only innocence and good” (n. pag.). Por isso, como o mesmo autor sublinha, é curioso notar que o único poeta de Nova Creta a quem Edward atribui algumas qualidades seja Quant. Ele é um Gravador, e não deveria, por isso, ser poeta. Ao revelar características de uma classe diferente da sua, ele é um marginal.¹⁸ Só a este poeta marginal (que sente tensões desconhecidas pelos restantes poetas de Nova Creta) Edward reconhece valor. A poesia dos feiticeiros, produto exclusivo da inocência e do bem, deixa de ser, na opinião do poeta do século XX, verdadeira poesia. A era de Edward não dá valor ao poeta; no futuro ele é reconhecido e passa a ser a voz que governa o mundo, apenas para se tornar em essência auto-destruidor. A utopia dos poetas transforma-se assim em distopia para a poesia.

A leitura distópica de *SDNC* pode ainda estender-se ao próprio papel da mulher nesta nova civilização humana. O período de caos vivido no desfecho da era de Edward terá sido parte do plano delineado pela Deusa, com o intuito de fazer o homem aperceber-se de que uma divindade criada à sua imagem não passaria de um absurdo (*SDNC* 197).¹⁹ Mas é-nos também exposto o segundo objectivo da Deusa ao provocar o caos no passado: “Her second object was to demonstrate the existence in him of certain intellectual capacities hitherto unsuspected by woman: woman was taking her sexual superiority too much for granted and treating him as a plaything” (*SDNC* 197). Segundo a Deusa, a mulher é o sexo superior, mas não podemos inferir que ela defende um desequilíbrio social entre homens e mulheres. A mulher é naturalmente superior, mas deve respeitar e reconhecer as capacidades do homem, o que, no passado, teria deixado de acontecer. O seu plano de caos levava a mulher a revalorizar a sua superioridade e a encará-la como um privilégio. Em Nova Creta, parece-me ficar claro que a mulher se aproxima, novamente, de uma fase em que deixa de reconhecer essa regalia. No início da obra, a mulher neo-cretense, através da voz de Sally, sabe ser tratada com superioridade por parte dos elementos masculinos, mas considera-se apenas diferente (*SDNC* 18-19). Contudo, no final da narrativa, quando Sally tenta obrigar Edward a dormir com ela, ela deixa transparecer que se acha superior e que Edward deveria ficar feliz por ter sido escolhido por ela, independentemente da sua vontade que, para Sally, é irrelevante. Esta clara discrepância entre a importância da mulher e do homem na sociedade não pode ser característica de uma sociedade eutópica, embora ela seja, talvez, mais facilmente reconhecida pelo leitor masculino.

O livro termina com a chegada do vento do Norte, o vento da renovação. Não é este o fim da história de Nova Creta, é antes um novo começo, a prova final da imperfectibilidade da sociedade apresentada em *SDNC*.

Partindo do princípio de que a anti-utopia²⁰ se insere ironicamente no próprio género utópico, a revisão do género feita em *SDNC* passa também pela sua leitura enquanto narrativa que satiriza e nega a possibilidade de criação de uma sociedade utópica, questionando mesmo o facto de tal criação ser desejável (Dietz 69).

Edward Venn-Thomas, no início da visita, mostra-se tão céptico como os protagonistas de outras utopias; contudo, ele continua a questionar a realidade que o rodeia ao longo de toda a acção. É a ironia do próprio visitante que vai satirizando a sociedade que se apresenta como aparentemente ideal. Além disso, a comicidade resultante de cenas extremamente ridículas apunhala a própria concepção mais circunspecta de utopia, e que leva Northop Frye a considerar que *Watch the North Wind Rise*²¹ não surgiu com objectivos sérios, reflectindo apenas a visão corrente de que o pensamento utópico não deve ser levado a sério (32). Esta afirmação é compreensível, mas com ela não posso concordar. *SDNC*, na minha opinião, faz uma reflexão séria sobre o pensamento utópico, mostrando várias perspectivas possíveis, ainda que uma delas seja a anti-utópica. Graves parece expor que a sociedade de Nova Creta trouxe ao homem felicidade, inocência e bondade, mas privou-o de outras qualidades fundamentais do ser humano, nomeadamente a razão (Canary n. pag.). Os neo-cretenses são tão naturalmente patéticos aos nossos olhos que seria difícil imaginar que alguém desejasse uma aproximação a um estado humano e social similar ao dos habitantes daquela sociedade. Este futuro imaginado não possui as características fundamentais para a realização do homem, isto é, a capacidade de mudança e evolução, caricaturando, por isso, as utopias estáticas. Além disso, e apesar de as utopias literárias terem sido fundamentais para a elevação de Nova Creta, na narrativa os textos escritos são tratados pelos habitantes com grande suspeição. Existem na ilha apenas escassos exemplos das produções escritas de todos os tempos, uma vez que eles consideram inúteis tantas criações repetitivas. Mesmo as produções dos poetas autóctones são estritamente filtradas de modo a que apenas as de importância duradoura cheguem a ser gravadas em finas placas de ouro. Assim, Dietz conclui: "This aversion to writing also indicates a rejection of stability and authority, and in its final consequence it self-ironically undermines the value of the utopian text itself" (68).

A influência do fantástico parece também minar a estrutura utópica, pois os diferentes mistérios e ambiguidades que vão percorrendo a acção fazem com

que o leitor não possa nunca eliminar a possibilidade de tudo se tratar apenas de um sonho; daí a impossibilidade da criação utópica. Aqui reside um dos aspectos da obra que mais a afastam da concepção mais tradicional de utopia literária, mas que pode, ao mesmo tempo, torná-la mais atraente para leitores já cansados de uma estrutura já muito explorada. A revisão do género feita em *SDNC* consegue, assim, promover a continuação de linhas condutoras da utopia literária, recriando aspectos tradicionais e incluindo outros elementos que, embora mais afastados do cânone utópico, anunciam caminhos possíveis e necessários para a sua continuidade. ■

Notas

¹ Este culto centra-se na figura da Deusa Branca e tem raízes nos mitos pagãos celtas anteriores ao cristianismo, baseados na existência de uma divindade feminina intrinsecamente relacionada com a natureza.

² Não procederei à análise da totalidade dos textos enunciados por Ben Yeshu em *A Critique of Utopias*, já que nem todos têm o mesmo grau de influência na sociedade de Nova Creta e também porque pretendo apenas explorar alguns elementos que a posicionam em momentos específicos da evolução do género utópico.

³ Este mito, mencionado por Platão como a mentira da Fenícia, tenta convencer cada um dos estratos sociais de que tem razões para estar satisfeito e tornar-se-á, assim, no motor da estabilidade e da lealdade.

⁴ Kumar explica da seguinte forma as fontes da sociedade justa de Platão: "In the *Timaeus* and the *Critias* he outlines the ideal city-empire of Atlantis before its fall, giving such details as its beautiful landscape and its abundant natural resources. He also portrays, as a great and good society, the original Athenian community Plato suggests that both these ancient, semi-mythical cities were actual historical prefigurations of the ideal city of the *Republic*. Later, in the *Laws*, he draws repeatedly on the historic institutions of Crete . . . giving concrete historical referents for his ideal society" (16).

⁵ Antes da existência de Nova Creta, foram feitas várias experiências antropológicas com enclaves de comunidades primitivas. Quando se fez a transferência de algumas delas para a ilha de Creta, o seu percurso de civilização ainda não conhecia grandes avanços tecnológicos, e assim permaneceram por seguirem o costume ditado pela Deusa. E explicam: "the religious principle 'nothing without the hand of love'; meaning, that no product or process was acceptable unless love had part in it. No product, for example, turned out by a machine, however harmless it might appear . . . had love in it, and neither had any hand-made goods produced for commercial ends only" (SDNC 44).

⁶ Existe apenas uma breve referência a este aspecto no início da obra, quando Edward é confrontado pela primeira vez com os usos rudimentares de Nova Creta e, quase que ironicamente, comenta as previsões feitas pelos seus contemporâneos de que o futuro seria dominado pela energia atómica. Os seus anfitriões esclarecem-no brevemente nos seguintes termos: "That was a very temporary future, and, according to the *Brief History*, not at all a happy one" (SDNC 4).

⁷ Neste ponto concordo com a posição de Fátima Vieira quando diz que "a sociedade de *New Atlantis* é uma sociedade estática" (148), discordando da posição de Kumar, que entende que a ciência, em *A Nova Atlântida*, introduz um elemento dinâmico no género utópico.

⁸ Edward desconhece as máquinas Apporteur e Cic-Fax, uma vez que elas pertencem a uma época que lhe é posterior. Estes aparelhos são assim descritos pelo habitante da Nonsense House: "[The Apporteur] was an apparatus for creating a temporal discontinuum and photographing scenes of the past within a limited range of time and space; it belonged to the Pantisocratic epoch. And the Cic-Fax was a complicated device, invented a few hundred years later, for the artificial insemination of one species by another, by what they called chromosomic inflexion" (SDNC 222).

⁹ Outros momentos das utopias em questão reflectem essa similitude em termos das descrições que são apresentadas ao leitor. Depois de, tanto William Guest como Edward Venn-Thomas, certificarem os seus leitores de que estão bem acordados e de que não se trata de um sonho, são levados a conhecer um novo mundo que é, todavia, reconhecido por ambos, não se coibindo de fazerem comparações. Guest afirma: “We turned away from the river at once, and were soon in the main road that runs through Hammersmith. But I should have had no guess as to where I was, if I had not started from the waterside; for King Street was gone, and the highway ran through wide sunny meadows and garden-like tillage. . . . There were houses about, some on the road, some amongst the fields with pleasant lanes leading down to them, and each surrounded by a teeming garden” (Morris 61). De modo idêntico, Edward explica: “The town of Sanjon – when we came to it – was smaller, neater, and built higher up the hill than in the old days. It was a great deal cleaner, and the Alys, the stream that ran through it, looked surprisingly drinkable. The filthy French habit of throwing every sort of rubbish and refuse into streams had been given up for religious reasons” (SDNC 120).

¹⁰ Northop Frye aponta como principais diferenças entre utopia e Arcádia o facto de a última colocar maior ênfase na interacção harmoniosa entre o homem e o meio físico envolvente, e de tender para uma maior simplificação dos desejos humanos e consequente satisfação dos mesmos (41).

¹¹ Não será este o caso da utopia de Morris, mas é sem dúvida o da de Graves.

¹² Encontramos um exemplo desse paradoxo na seguinte afirmação: “the children being free – within the limits of custom” (SDNC 62).

¹³ Vejamos a quem é permitido saber ler e escrever: “The captains, the commons and the servants were forbidden by custom to do either [reading or writing] and both the magicians and the recorders were strictly limited in their use of writing” (SDNC 62).

¹⁴ Sally é de facto clara ao responder a Edward:

‘Whom do you kill? Personal enemies? Or public ones?’
‘Bad people.’
‘What do you mean by bad?’
‘Bad is when, for example, a calf is born with two heads, or a hen crows and doesn’t lay eggs. Or when a man behaves like woman –’
‘– What, you kill poor homosexuals? That seems a bit hard.’
Sally went on unperturbed. ‘Or when a man deliberately violates custom, and his estate, that is to say his class, repudiates him’. (SDNC 14)

¹⁵ O artigo “Fantasy and the Poetics of Literary Utopia: Robert Graves’ *Watch the North Wind Rise*”, de Frank Dietz, expõe pertinentemente algumas das ambiguidades presentes no texto de Graves, embora o mesmo artigo contenha algumas incorrecções a nível de exemplos retirados da obra.

¹⁶ Ana é mais um dos diversos nomes atribuídos à Deusa.

¹⁷ Edward encontra arquivado em Nova Creta uma das suas produções poéticas, o que significa que os Neo-cretenses consideram a composição sublime. No entanto, ele avalia assim o seu próprio poema: “an early poem that I long discarded as being artificial and insincere” (SDNC 224).

¹⁸ Os únicos poetas de Nova Creta são os Feiticeiros.

¹⁹ O plano da Deusa inclui fases cíclicas de caos e harmonia, para que cada período de harmonia seja valorizado em oposição ao caos experienciado anteriormente.

²⁰ De acordo com as definições de Claeys e Sargent, a anti-utopia nega e critica os pressupostos do utopismo, ou de alguma eutopia em particular (2).

²¹ Título sob o qual *SDNC* foi publicado nos Estados Unidos da América.

Obras Citadas

- Canary, Robert H. "Utopian and Fantastic Dualities in Robert Graves's *Watch the North Wind Rise*." *Science Fiction Studies* 1.4 (Fall 1974): n. pag. Web. 12 Dez. 2008 <<http://www.depauw.edu/sfs/backissues/4/canary4art.htm>>
- Claeys, Gregory, and Lyman Sargent. Introduction. *The Utopian Reader*. Ed. Claeys and Sargeant. New York: New York Press, 1999. 1-5.
- Dietz, Frank. "Fantasy and the Poetics of Literary Utopia: Robert Graves' *Watch the North Wind Rise*." *Utopian Studies* IV (1991): 65-71.
- Frye, Northop. "Varieties of Literary Utopias." *Utopias and Utopian Thought*. Ed. Frank E. Manuel. Boston: Beacon Press, 1967. 25-49.
- Graves, Robert. *Seven Days in New Crete*. 1949. London: Quartet Books, 1975.
- . *The White Goddess*. 1948. Manchester: Faber and Faber, 1999.
- Kumar, Krishan. *Utopianism*. Buckingham: Open University Press, 1991.
- Mandeville, Bernard. *The Fable of the Bees, or Private Vices, Publick Benefits*. Indianapolis: Liberty Classics, 1988.
- Mannheim, Karl. *Ideology and Utopia*. 1936. London: Routledge, 1960.
- Manuel, Frank E., ed. *Utopias and Utopian Thought*. Boston: Beacon Press, 1967.
- Manuel, Frank E., and Fritzie P. Manuel. *Utopian Thought in the Western World*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard UP, 1979.
- Morris, William. *News from Nowhere and Other Writings*. London: Penguin Books, 1998.
- Platão. *Fédon*. Lisboa: Lisboa Editora, 1987.
- Vieira, Fátima. "Em Direcção ao Futuro. A Visão de William Morris nos Limites da Tradição da Literatura Utópica Inglesa." Diss. Universidade do Porto, 1997.